



# Liberdade, Equidade e Emancipação

Atas do XV Congresso da

Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação



SOCIEDADE PORTUGUESA  
DE CIÊNCIAS  
DA EDUCAÇÃO

Título:

**Liberdade, Equidade e Emancipação. Atas do XV Congresso da SPCE**

Organizadores:

**Luis Grosso Correia**

**Tiago Neves**

Editor:

**Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação**

Tratamento gráfico:

**eventQualia**

Foto de capa:

**Marta Azevedo**

Suporte:

**Eletrónico**

Data da publicação:

**dezembro 2021**

ISBN: 978-989-95390-4-4



Todo o conteúdo desta publicação, exceto onde esteja identificado, está licenciado sob uma Licença Creative Commons.

**A expressão escrita e conteúdo dos textos é da exclusiva responsabilidade do/as respetivo/as autore/as.**



# LIBERDADE E CIDADANIA GLOBAL: APRENDER A APRENDER COM O LIVRO -ÁLBUM

Dulce Melão<sup>1</sup>, Ana Isabel Silva<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Escola Superior de Educação de Viseu, Instituto Politécnico de Viseu, CI&DEI (PORTUGAL), [dulcemelao@esev.ipv.pt](mailto:dulcemelao@esev.ipv.pt)*

<sup>2</sup>*Escola Superior de Educação de Viseu, Instituto Politécnico de Viseu, CI&DEI (PORTUGAL), [aisilva@esev.ipv.pt](mailto:aisilva@esev.ipv.pt)*

## Resumo

Este artigo procura investigar o contributo do livro-álbum *Obrigado a todos!* (Martins, 2016) para o ensino dos valores, no âmbito do domínio dos direitos humanos – nomeadamente o respeito, o cuidado e a solidariedade. O referencial teórico deste artigo baseia-se: i) no Programa e metas curriculares de Português do ensino básico (Buescu, Morais, Rocha & Magalhães (2015); ii) no documento *Educação para a cidadania global: tópicos e objetivos de aprendizagem* (2016); iii) na *Convenção sobre os direitos da criança e protocolos facultativos* (2019). Traçam-se os seguintes objetivos: i) atentar nas formas de representação da aprendizagem plasmadas no livro-álbum, sobretudo nas ilustrações, e nas suas reverberações na formação pessoal das crianças; ii) refletir sobre os desdobramentos de tais aprendizagens em diálogo com os afetos que estão no seu fulcro, potenciando reaprender a olhar a realidade; iii) compreender a articulação entre a educação para a cidadania global e os direitos humanos, por via da literatura para a infância. Conclui-se que este livro-álbum potencia fortemente a liberdade das crianças redescobrirem, autonomamente, valores e alimenta a compreensão da sua pluralidade e diversidade, como meio de abranger a Educação como uma viagem permanentemente aberta – tendo os direitos das crianças no seu cerne.

Palavras-chave: literatura para a infância, cidadania global, valores.

## Abstract

This paper aims to investigate the role played by the picturebook *Thanks to everyone!* (Martins, 2016) to the teaching of values in the field of human rights, namely respect, care, and solidarity. The theoretical framework of this work draws from: i) the Portuguese curricular programme and goals for basic education (Buescu, Morais, Rocha & Magalhães (2015); ii) the document *Education for global citizenship: topics and learning objectives* (2016); iii) the *Convention on the rights of the child and optional protocols* (2019). The purpose of this paper is to shed light on i) the forms of representation of learning embodied in the picturebook, especially in the illustrations, and their reverberation in the personal development of children; ii) the unfolding of such learning in dialogue with the affections that are at its core, enabling relearning to look at reality; iii) the articulation between education for global citizenship and human rights, through children's literature. It is concluded that this picturebook strongly enhances children's freedom to rediscover values autonomously and nurtures the understanding of their plurality and diversity, as means of encompassing Education as a journey permanently open – having children's rights at its core.

Keywords: children's literature, global citizenship, values.

## 1. INTRODUÇÃO

“A educação (...) deve preparar a criança para uma vida adulta activa numa sociedade livre e inculcar o respeito pelos pais, pela sua identidade, pela sua língua e valores culturais, bem como pelas culturas e valores diferentes dos seus” (UNICEF, 2019, p. 24). Na atualidade, tal labor reveste-se de particular importância, face aos desafios com que nos deparamos – eivados de incertezas e de alguns desalentos a que a literatura e a leitura dão amparo.

Neste artigo, entendendo os direitos da criança enquanto pilares sustentadores da educação para a cidadania global (ECG), refletimos sobre o contributo do livro-álbum *Obrigado a todos!* (Martins, 2016) para o ensino dos valores, no âmbito do domínio dos direitos humanos – nomeadamente o respeito, o cuidado e a solidariedade. No encaixe dos objetivos traçados, faremos uma abordagem contemplando a análise detalhada da simbiose entre a narrativa e as ilustrações do livro, procurando

redescobrir percursos de reconhecimento e de apreciação de tais valores, no entendimento de que “(...) a Cidadania não se aprende simplesmente por processos retóricos, por ensino transmissivo, mas por processos vivenciais” (Ministério da Educação, 2017, p. 5).

Face ao exposto, procuraremos i) atentar nas formas de representação da aprendizagem plasmadas no livro-álbum, sobretudo nas ilustrações, e nas suas ressonâncias na formação pessoal das crianças; ii) refletir sobre os desdobramentos de tais aprendizagens em diálogo com os afetos que estão no seu fulcro, potenciando reaprender a olhar a realidade; iii) compreender a articulação entre a educação para a cidadania global e os direitos humanos, por via da literatura para a infância.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

São vários os estudos e práticas que discutem as abordagens e técnicas pedagógicas em uso para os diferentes domínios da ECG (Bugallo-Rodríguez & Naya-Riveiro, 2018; Misiaszek, 2019; Sá & Mesquita, 2019) daí inferindo-se a dificuldade em compreender, de forma clara, como podem, holisticamente, ser complementados. Tais propostas sustentam-se em sensibilidades diferenciadas, em conhecimentos declarativos e descritivos como listagens de valores, direitos e deveres. Carece-se, ainda, de investigação e práticas que possam ir além destas. Tendo em conta que os cenários educativos e a organização do ensino em Portugal se estrutura por ciclos, e considerando um conjunto de referenciais que constituem o seu substrato, optámos por fazer cruzar três documentos que constituem a matriz da nossa proposta: i) o *Programa e metas curriculares de Português do ensino básico* (Buescu, Morais, Rocha & Magalhães, 2015); ii) o documento *Educação para a cidadania global: tópicos e objetivos de aprendizagem* (UNESCO, 2016); iii) a *Convenção sobre os direitos da criança e protocolos facultativos* (UNICEF, 2019).

A mudança nos discursos e práticas da educação torna relevante e imprescindível a educação e a aprendizagem para a resolução de conflitos globais na esfera geopolítica, na social, ambiental, cultural e também económica. A superlativação do domínio cognitivo começa a ceder algum espaço à construção de *soft skills*, valores e atitudes entre crianças, alunos e jovens, com vista à transformação social como fomentadora de justiça social, inclusiva e de respeito pelo outro, na tentativa de cumprir o desiderato de Boaventura Sousa Santos, quando refere:

“Temos o direito de ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito de ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades” (Santos, 2004, p. 36).

A *Convenção sobre os direitos da criança e protocolos facultativos* (UNICEF, 2019) reitera a relevância de preparar a criança “(...) para viver uma vida individual na sociedade e ser educada no espírito dos ideais proclamados na Carta das Nações Unidas e, em particular, num espírito de paz, dignidade, tolerância, liberdade, igualdade e solidariedade” (UNICEF, 2019, p. 6). No mesmo documento é também frisada a “importância do respeito pelos valores culturais da comunidade da criança” (UNICEF, 2019, p. 5), em estreita convivência e entrelaçamento com os de civilizações diferentes da sua, de modo a promover o seu desenvolvimento harmonioso. Passamos do estatuto de cidadão que vive os limites da sua cidade, para uma cidade que contém em si o mundo, exigindo um estatuto de cidadania para viver, conviver e respeitar o mundo: “Precisamos, assim, de nos comprometer com as nossas próprias perspetivas de aprendizagem e também com as dos outros, para que possamos transformar os nossos pontos de vista, identidades e relações – para pensarmos de forma diferente” (Andreotti, 2014, p. 64).

O guia pedagógico *Educação para a cidadania global: tópicos e objetivos de aprendizagem* (UNESCO, 2016), documento síntese que reúne o consenso de especialistas de diferentes partes do mundo, possibilita esclarecer as bases conceituais da ECG e ilustra, de modo claro, a sua relevância hodierna. No âmbito desta reflexão, interessam-nos, em particular, os desdobramentos da dimensão socioemocional da ECG, correspondendo a “(...) valores, atitudes e habilidades sociais que contribuam para o desenvolvimento emocional, físico e psicossocial dos alunos e lhes permitam viver com os outros de forma respeitosa e pacífica” (UNESCO, 2016, p. 22). No mesmo documento, no que se refere aos principais resultados de aprendizagem que os alunos podem adquirir e demonstrar na “área socioemocional,” é sublinhado o relevo do sentimento de pertença a uma “humanidade comum” e do desenvolvimento de “(...) atitudes de empatia, solidariedade e respeito às diferenças e à diversidade” (UNESCO, 2016, p. 22).

A função e a dimensão transversal da ECG a todas as áreas de conhecimento e áreas curriculares de todos os ciclos, incluindo a Educação pré-escolar, surgem, por seu turno, claramente enunciadas no *Referencial de educação para o desenvolvimento – educação pré-escolar, ensino básico e ensino*

*secundário*. Nele se enquadra a intervenção pedagógica da Educação para o Desenvolvimento (Torres, Figueiredo, Cardoso, Pereira, Cabral, Neves & Silva, 2016, p. 7). Nesse sentido, “(...) trata-se de experimentar caminhos de construção curricular que passem pelo desenvolvimento dos conhecimentos, capacidades e atitudes consonantes com o exercício de uma cidadania global por parte dos sujeitos” (Mesquita, 2019, p. 21). Importa sublinhar, pois, o papel perene da Escola em tais itinerários que, potenciando a socialização das crianças, lhes possibilitam desenvolver “(...) their appreciation of sharing, fairness, mutual respect and cooperation. As such, they form the foundational values and competencies that are the building blocks towards the understanding of concepts such as justice, democracy, and human rights” (UNESCO, 2019b, p. 21).

O convite lançado pela ECG reflete-se no alinhamento com conteúdos de diferentes áreas curriculares, como plasmado nas MCP, e aí ganham particular acolhimento no domínio da Educação Literária, no âmbito do qual se destaca a importância de “Apreciar criticamente a dimensão estética dos textos literários, portugueses e estrangeiros, e o modo como manifestam experiências e valores” (Buescu, Morais, Rocha & Magalhães, 2015, p. 5). Na seção seguinte, procuramos mostrar a relevância de tal apreciação, bem como os modos de manifestação de experiências e valores entretecidos nos trilhos de indagação que perseguimos.

## **TRILHOS DE EXPLORAÇÃO – OBRIGADO A TODOS!**

*Obrigado a todos!* (Martins, 2016), da autoria de Isabel Minhós Martins com ilustrações de Bernardo Carvalho, é recomendado pelo Plano Nacional de Leitura (PNL) para a faixa etária dos 3-5 anos de idade e oferece aos leitores gestos de afeto que incentivam o prazer de ler. Apesar da recomendação referida, entendemos que este livro-álbum constitui um itinerário de singular pluralidade que reforça a sedução do inesperado, em qualquer idade.

Trata-se, igualmente, de matéria-prima profícua em desdobramentos da ECG (nomeadamente da sua dimensão socioemocional) que merecem atenção, mobilizando diferentes camadas de leitura, na estreita relação entre texto e ilustração. A personagem principal, um menino, cumpre a função de educador, quando relata as aprendizagens que bebeu de cada uma das referências que foi recebendo, da família, dos amigos e de todos quantos fizeram parte do seu percurso de vida. É um cidadão ativo, no momento atual (UNESCO, 2016, p. 23), quando é lida a sua mensagem pela criança ou pelo mediador de leitura e também na ocasião em que é vista e olhada a ilustração. Importa frisar que, não obstante todos os conceitos e pressupostos plasmados na ECG, são as situações reais que convocam e assistem ao exercício de cidadania. *Obrigado a todos!* é uma janela para essas situações quotidianas, que pedem responsabilidade, solidariedade, respeito por si e pelo outro, redefinindo a coesão social e a gestão de conflitos ou resolução de problemas. O sentido de pertença a uma comunidade cresce como sendo uma força centrífuga, mas como força centrípeta ao permitir “compreender o bem comum e a coesão social e territorial enquanto conceitos centrais da justiça social” (Torres et al, 2016, p. 16).

A aprendizagem a ser, a aprender, a fazer, a conhecer e a conviver, com vista à transformação, resulta num exercício de empatia pelo outro, no reconhecimento de emoções em si mesmo e no outro. Em termos sociais e morais, a literatura para a infância permite distinguir o bem e o mal, facilita o processo de aquisição de valores sociais e morais que terão um papel preponderante na formação do seu mundo interior. Neste contexto, parece igualmente ser importante reconhecer o papel das escolas na formação e educação como local privilegiado para abordar os temas Educação para o Desenvolvimento, dado que estes implicam “(...) uma educação integral do indivíduo, atento ao Outro e ao mundo que o rodeia, sujeito de uma cidadania participativa, que se empenha na construção de relações mais justas e fraternas, que possam, de facto, intervir e alterar a ordem atual” (Esteves, Barbosa, Madeira, Barbosa, Oliveira, Cardoso, Coelho, Neves, & Gonçalves, 2018, p. XII).

A criança, ao explicitar o que aprendeu com todos os personagens, na verdade está a colocar-se, simbolicamente, no lugar do outro e entender melhor as suas experiências, os dilemas, as suas contingências. Ao relacionar-se com os outros, crianças ou adultos, tende a fazer o exercício de aceitar e respeitar as diferenças, afirmando o espírito de cidadania (Mendes & Velosa, 2016). Os textos literários, não constituindo representações perfeitas e exatas do mundo, apresentam visões e veiculam perspectivas que provocam efeitos nos leitores (Tomé & Bastos, 2012).

Os aspetos a que globalmente fizemos menção encontram apuro, de modo muito harmonioso, em *Obrigado a todos!* (Martins, 2016), face à opção invulgar da apresentação de mundividências acolhidas nas ilustrações e dos ecos que se perpetuam no texto. A partir do olhar amplo de um menino, os leitores reveem-se nos quotidianos partilhados em cada página do livro e ganham alento na cumplicidade que se vai gerando ao longo de tal processo.

Referimos, seguidamente, alguns exemplos que possibilitam aferir a fortuna das sinergias entre as ilustrações e o texto, em vasta teia de plurissignificações. Entendemos que a sua relevância advém, sobretudo, da proximidade que possibilitam estabelecer com o dia a dia das crianças, rodeadas, de modos diversificados, de amigos, vizinhos e familiares, que formam um todo de maior ou menor coesão, mas que se instituem, sempre, enquanto fio condutor dos seus exercícios de cidadania – e, conseqüentemente, das aprendizagens múltiplas que daí resultam.

O Tio Rodrigo, por exemplo, ensina a saber perder, atitude difícil de atender e assumir. A resiliência promovida pelo exercício do jogo que a ilustração abarca cria ligações profundas e duradouras sobre a justiça e tolerância inerentes à pluralidade e diversidade. O Tio Rodrigo dá uma lição de xadrez, mas, acima de tudo: de jogo limpo e respeito mútuo, piscando o olho à solução de conflitos inerentes à perda e à frustração.

Com o Sr. Faria, na loja do bairro, a criança aprende a “olhar para as coisas” (Martins, 2016, s/p), descobrindo a beleza de que se revestem. Nos sentidos aqui imbricados desvela-se a importância de atentar no pormenor, vivenciando-o, de modo a que, da sua fruição, possa resultar a convivência com o belo e a experiência de saborear a lentidão – em movimentos de desaceleração que potenciam o prazer de ler.

A vizinha D. Rosa, por seu turno, abre caminho a que aprenda a ouvir, possibilitando-lhe inferir a relevância de escutar o Outro, em processos de cooperação e de entendimento mútuos, que muito podem contribuir para a sua replicação em inúmeras circunstâncias na sociedade hodierna (em constante mutação e permeada pelo inusitado).

Do mesmo modo, o diálogo intergeracional e intercultural traz à colação a cooperação e o saber conviver. É também essa atitude que a D. Rosa traz para a personagem. A literatura é capaz de proporcionar a socialização cultural ao tornar possível alargar o diálogo entre a coletividade e as gerações mais jovens, ao dar-lhes a conhecer o que o mundo é e o que poderia ser, diálogo importante na construção da competência intercultural (Tomé & Bastos, 2012). Como sublinha Calvino (2006, p. 134), “A literatura só vive se se propuser objetivos desmedidos, mesmo para além de qualquer possibilidade de realização. Só se os poetas e escritores se propuserem empresas que mais ninguém ouse imaginar, é que a literatura continuará a ter uma função.”

Em casa, a criança reencontra-se no carinho dos pais, sendo destacada a sua singularidade e vincado modo com tal espaço a possibilita rever-se na Escola, aprendendo que é uma entre muitas, em apelo à vivência em comum e à compreensão dos desafios que lhe estão associados. Singularidade e diversidade são, pois, apresentadas de modo complementar e harmonioso, possibilitando que se engrandecem mutuamente. A autoestima e a valorização dos outros ficam, pois, bem espelhadas no diálogo entre o texto e as ilustrações.

Aceitar riscos e, ao mesmo tempo, aprender a medir as conseqüências dos atos praticados surge, também, em estreita relação, através dos ensinamentos facultados à criança pelo vizinho Artur e pela tia Luísa, respetivamente. A perda do medo de arriscar que o primeiro a auxilia a perspetivar ganha relevo face à importância atribuída pela segunda à harmonia gerada na ausência de conflitos. Sublinhe-se que é deixado aos leitores o desafio de refletirem sobre as vantagens e as desvantagens associadas a tais comportamentos, ficando patente a liberdade de escolha enquanto gesto que se pode repercutir nas vivências futuras, em sociedade.

À semelhança do sucedido em outros livros-álbum, a relevância atribuída aos avós na tela maior da educação dos netos é marcada pela união entre texto e ilustração. Neste caso, a avó Maria e o avô Filipe são responsáveis pela aprendizagem do significado dos tempos cinzelados pela celeridade e pelo ócio. A ida para a escola, bem cedo, de mão dada com a avó Maria (amparada em ampla ilustração), mostra a necessidade de cumprimento dos deveres, com hora marcada. O repouso com o avô Filipe, deitado a relva a apreciar a brisa da tarde, em amena placidez, ilustra os benefícios do ócio e a sua compreensão, iluminando a paz que germina em família.

No seu conjunto, a dualidade de valores apresentada, constituindo um todo coeso, favorece a compreensão da empatia e das suas reverberações em comum, podendo fazer germinar aprendizagens que venham a instituir-se como fortes pilares no âmbito da ECG – ao mesmo tempo que permite ganhar gosto pelo tempo consagrado à leitura. Assim, “Os leitores, em formação, apreendem pelas palavras (e pelas imagens) as representações que moldarão, de alguma forma, a tomada de consciência e o conhecimento social do Outro, desenvolvendo competências de comunicação intercultural” (Tomé & Bastos, 2012, p. 92) que poderão promover o crescimento dos exercícios de cidadania que reconstróem ao longo da vida.

Infere-se, do exposto, que este itinerário de leitura pode possibilitar o desenvolvimento de dois dos principais atributos do aluno propostos no guia pedagógico da UNESCO, correspondendo aos

seguintes resultados de aprendizagem (UNESCO, 2016, pp. 23-24): “Estar socialmente conectado e ter respeito pela diversidade” e “Ser eticamente responsável e engajado.” Relativamente ao primeiro, cremos que a proposta apresentada nesta reflexão possibilita a mobilização de aprendizagens relativas ao modo como “Os alunos aprendem sobre sua identidade e como eles se situam em seus vários relacionamentos (por exemplo, família, amigos, escola, comunidade local, país), como base para a compreensão da dimensão global da cidadania” (UNESCO, 2016, p. 23). No que respeita ao segundo, entendemos que poderá promover a compreensão “(...) das crenças e valores, assim como as crenças e valores dos outros.”

#### 4. CONCLUSÕES

Por tudo o já referido e ilustrado, entendemos que o livro-álbum que constituiu a matéria-prima desta reflexão pode ser ponte e recurso da ECG. É fonte de liberdade para a redescoberta de mundos em toda a sua plenitude e pluralidade, permeável à compreensão dos valores e atitudes para a tomada de consciência de ser cidadão ativo e por isso transformador da sociedade em que circula.

As ilustrações, guiando os leitores ao longo do livro, assumem muita relevância, possibilitando promover distintos modos de rever o cuidado e a empatia enquanto pilares de consolidação de uma vivência em comum, pautada pela gentileza onde reverbera a paz.

A opção pela apresentação de uma dualidade que desnuda um conjunto de valores que impregnam o quotidiano – como por exemplo a amizade, a honestidade, a solidariedade – possibilita reunir aprendizagens que conglomeram modos de olhar a cidadania enquanto exercício ativo e fundamental da liberdade de cada um e dos seus ecos no Outro. Em outro lugar, Manoel de Barros refere: “Que os poetas podem refazer o mundo por imagens, por eflúvios, por afeto” (Barros, 2016, p. 365); a autora e o ilustrador deste livro-álbum, embora em distinta medida, também povoam o mundo de uma poeticidade ímpar, ao iluminarem o afeto construído em comum.

Literacia e cidadania coabitam: por um lado, a leitura é vetor de cidadania, ao promover a liberdade pessoal, ao desenvolver maior capacidade para exercer cidadania e valores perante a sociedade; por outro lado, a educação para a cidadania pressupõe a apropriação de valores, a educação de atitudes, vislumbrando a escala de valores que cada um possui.

Concluimos que este livro-álbum potencia fortemente palmilhar a liberdade de aprender a Ser e a Estar possibilitando a compreensão de valores essenciais à Educação enquanto caminhada permanentemente em aberto – dando protagonismo à voz das crianças, em pleno direito.

#### REFERÊNCIAS

- Andreotti, V. O. (2014). Educação para a cidadania global – soft versus critical. Sinergias – diálogos educativos para a transformação social 1, 57-66.
- Barros, M. de (2016). Poesia completa. Lisboa: Relógio D’Água.
- Bugallo-Rodríguez, Á. & Naya-Riveiro, M. C. (2018). Educación para la ciudadanía global (ECG): comprendiendo lo internacional a través de lo local. Revista Lusófona de Educação, 41, (41), 139-151.
- Buescu, H., Morais, J., Rocha, M. R. & Magalhães, V. M. (2015). Programa e metas curriculares de Português do ensino básico. Lisboa: Direção-Geral da Educação.
- Calvino, I. (2006). Seis propostas para o próximo milénio, 5.ª edição. Tradução de José Colaço Barros. Lisboa: Editorial Teorema.
- Esteves, A., Barbosa, A., Madeira, E., Barbosa, G. G., Oliveira, J., Cardoso, J., Coelho, L. S., Neves, L. & Gonçalves, T. (2018). Global schools. Propostas de integração curricular da educação para o desenvolvimento e cidadania global no 1.º e 2.º CEB. Viana do Castelo: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo.
- Martins, I. M. (2016). Obrigado a todos! Ilustrações de Bernardo P. Carvalho. Carcavelos: Planeta Tangerina.
- Mendes, T. & Velosa, M. (2016). Literatura para a infância no jardim de infância: contributos para o desenvolvimento da criança em idade pré-escolar. Pro-Posições, vol. 27, n.º 2 (80), 115-132, (Dossiê

“Literatura, infância e espaços escolares”). Consultado em Setembro, 2020, em 73072016000200115&lng=en&nrm=iso.

Mesquita, L. (2019). Educação em português e cidadania global: reflexões a partir do currículo em Portugal. In C. Sá & L. Mesquita (Orgs.) Educação em português e cidadania global (pp. 11-37). Aveiro: UA Editora.

Misiaszek, L. I. (2019). Exploring the complexities in global citizenship education: hard spaces, methodologies, and ethics. London/New-York: Routledge.

Sá, C. & Mesquita, L. (2019) (Orgs.). Educação em português e cidadania global. Aveiro: UA Editora.

Santos, B. S. (2004). Para uma concepção multicultural dos direitos humanos. In B de S. Santos (Org.), Reconhecer para libertar. Os caminhos do cosmopolitismo cultural (pp. 427-462). Porto: Afrontamento.

Tomé, M. C. & Bastos, G. (2012). Encontrar o Outro nos livros: A literatura juvenil ao serviço da construção de uma cidadania global, In S. Gonçalves & F. Sousa (Orgs.) Escola e comunidade: Laboratórios de cidadania global (pp. 83-94). Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

Torres, A., Figueiredo, I. L., Cardoso, J., Pereira, L. T., Cabral, A. Neves, M.J. & Silva, R. (2016). Referencial de educação para o desenvolvimento – educação pré-escolar, ensino básico e ensino secundário. Lisboa: ME.

UNESCO (2016). Educação para a cidadania global: tópicos e objetivos de aprendizagem. Brasília: UNESCO.

UNESCO (2019). Empowering students for just societies. A handbook for primary school teachers. Paris: UNESCO.

UNICEF (2019). Convenção sobre os direitos da criança e protocolos facultativos. Lisboa: Comité Português para a UNICEF.